

Ave Brasília — 45 anos

“Brasília nunca será uma cidade velha”

(Lucio Costa)

Desde 1961, no mês de abril, dirijo-me, através do **Correio Braziliense**, aos habitantes de Brasília, ocasião em que rememoro o feito glorioso de um pugilo de brasileiros que, sob as mais adversas condições de trabalho, cumpriram a palavra assumida à Nação pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Eis como o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, definiu, em poucas palavras, a nossa tarefa: *“Trabalháramos em pleno deserto, a mil quilômetros dos grandes centros do país. O isolamento a que de repente nos encontramos, com uma enorme tarefa a ser enfrentada na estaca zero, terá também contribuído para a solidariedade dos homens a quem a Providência reservou a felicidade do trabalho com a alegria da criação.*

“Havíamos deixado longe as preocupações do cotidiano substituídas por uma missão excepcional, que não admitia a idéia de malogro.

“Essas condições favoreciam a integração, a confiança recíproca, o respeito e a amizade. No ponto em que nos encontrávamos, nada, vindo de fora, nos perturbava. Tudo convidava ao trabalho construtivo, à identificação com a tarefa, afastando ou atenuando conflitos e problemas de ordem pessoal.”

Em 37 meses, esses autênticos desbravadores construíram e entregaram ao Brasil uma cidade, urbanisticamente perfeita, respeitado o Plano Urbanístico de Lucio Costa. Cumpre recordar que um júri internacional, ao julgar em março de 1957 os projetos apresentados ao concurso do Plano Piloto de Brasília, optou pelo de Lucio Costa e o considerou “uma obra-de-arte”.

Mais tarde, março de 1985, o governador José Aparécido, “aprensivo com a voracidade dos especuladores do mercado imobiliário” (sic) percebeu que a cidade poderia perder a sua identidade se não se preparasse para a sua defesa. E, sob sua inspiração, propôs à Unesco a inclusão de Brasília no Tombo do Patrimônio Nacional.

A Unesco, no dia 7 de dezembro de 1987, declara Brasília Patrimônio Cultural da Humanidade.

Jorge Amado exultou: “Os beneficiários da especulação imobiliária, os que se enriquecem à custa da miséria do povo ficaram frustrados.

O diretor-geral da Unesco, Federico Mayor, ao entregar ao governo do DF o marco comemorativo da inclusão da cidade no Tombo do Patrimônio Mundial, declarou: “A inscrição nesta lista consagra o valor excepcional e universal de Brasília a fim de que seja protegida em benefício da humanidade”.

Pouquíssimos conhecem este fato: às vésperas da inauguração da cidade (3 de abril), reúnem-se pioneiros no Catetinho em almoço oferecido a JK. Israel se dirige a Juscelino: *“Aqueles que na primeira hora e quando o quartel-general estava sediado neste Catetinho compareceram com sua disposição, o seu braço e o seu coração para os primeiros embates, aqueles que se apresentaram na primeira linha de frente, quiseram que nos reuníssemos em festa íntima.*

“Foi ontem, ainda Presidente.

“O primeiro almoço no Catetinho.

“A caminhada difícil para o local da Ermida Dom Bosco.

“Os sonhos, as emas, os veados, as gralhas.

“Poente, noite, desconforto, cansaço. Para recomeçar tudo de novo na madrugada.

“Trepidação, tumulto de preocupações, alegria, sofrimento, vibração, vida, esperança”.

Às 17h de 20 de abril, no parlatório do Palácio do Planalto, JK recebe de Israel Pinheiro a chave da cidade e discursa à multidão acotovelada na Praça dos Três Poderes: *“Neste momento, os soldados dessa grande e dura peleja aqui se encontram reunidos em posição de sentido para entregar ao seu comandante a chave da cidade.*

“Aqui estamos todos os que porfiaram na dura batalha, batalha de cuja crueza e de cujos sofrimentos surgiu essa força propulsora, de imponderável significação — o espírito de Brasília.

“Todos se despersonalizaram na comunhão igualitária do trabalho, nivelados pela unidade do ideal.”

“Brasília é obra de civismo sadio, de otimismo criador, de ânimo pioneiro, de tudo que não se contenta e se esgota na rotina satisfeita, mas se antecipa e se multiplica em iniciativas que rasgam largos caminhos de um futuro que o Brasil reclama com fome de renovação”.

Recebida a chave simbólica, Juscelino Kubitschek discursa: *“Meus amigos e companheiros de lutas, soldados da epopéia de Brasília.”*

“Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando antever o que será amanhã, porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou a esta família aqui reunida, a vós todos, “candangos”, a que me orgulho de pertencer.

“Reconheço e proclamo que sois a expressão da força propulsora do Brasil.

“Ninguém vos subtrairá, candangos, a glória de ter lutado nesta batalha tremenda”.

À noite, a missa, o foguetório, o badalar dos sinos criaram uma atmosfera de emoção que levou JK e os pioneiros às lágrimas.

Naquele momento, a cidade representava o fim da epopéia, da música trepidante e da luta frenética, o epílogo do trabalho ininterrupto. Era o início do cotidiano e da rotina — sem grandeza, sem entusiasmo, sem gosto de heroísmo.

Os que a planejaram e a construíram naquele momento, de antemão, uma saudade imensa, como que experimentaram a perda de um ente querido.

Brasília completa 45 anos.

Neste lapso conviveu com embates e dificuldades, mas permaneceu ereta e estóica, cumprindo a alta missão de pólo de desenvolvimento do Centro-Oeste. *“Brasília é radical, forte, coerente e poética, verde e bucólica, é candanga, é brasileira, é o Brasil que deu certo.”* (Silvio Cavalcanti).

Que a população reconheça Brasília como dádiva ofertada e preserve-a como foi planejada.